



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**MICHAEL ALBERTO SANTIAGO**

**A Fenomenologia da experiência crente:  
Uma síntese doutrinal.**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professor Doutor Arnaldo Cardoso de Pinho

**Porto**  
**2012**



## Introdução

Nesta tese de mestrado na área da teologia fundamental que tem por tema geral a **Fenomenologia da Experiência Crente: uma síntese doutrinal**, pretendo fazer uma caminhada, passando por várias etapas, até chegar aos temas em concreto, isto porque considero que umas estão interligadas às outras e logo são indissociáveis.

Um dia um sofista disse “Senhor dai-me a graça para me mudar a mim próprio e ainda que não se perde tempo na vida, perde-se é a vida no tempo”, ou seja, tenho o sincero e humilde objectivo de fazer o que estiver ao meu alcance, por tentar aprofundar mais um pouco a compreensibilidade da fé e interligar algumas temáticas e paradigmas, com esta dissertação de Mestrado.

Pretendo por isso iniciar o I capítulo pela atitude cristã de fé, onde irei apresentar a fé na Sagrada Escritura, quer no Antigo Testamento, quer no Novo Testamento. Neste último apresentarei um leque mais desenvolvido da fé nele mesmo evidenciada.

No II capítulo passarei pela experiência da Igreja na reflexão da fé, onde desenvolverei mais concretamente a fé nos Padres da Igreja e o caminho da fé desde a Idade Média até ao Concílio Vaticano II.

No III capítulo apresentarei alguns dos elementos constitutivos da atitude cristã de fé, abordarei a temática do Homem e o conhecimento, onde desenvolverei o homem como ser de diálogo e encontro, a apropriação da verdade e do conhecimento: uma experiência passiva ou activa? Onde tentarei responder a esta questão e concluirei o capítulo com as formas e meios de conhecimento: subjectivo ou objectivo? Onde também

tentarei apresentar uma resposta coerente e fundamentada. Concluirei este capítulo com a fé enquanto dinamismo de relação e integração do real e com o real.

No IV irei abordar a relação entre fé, vocação e ministério sacerdotal, a propósito do Ano Sacerdotal.

Espero que ao percorrer este caminho consiga obter uma investigação bem elaborada e fundamentada, para que assim eu possa entender a temática inerente e quem ler esta tese de mestrado, também a entenda e seja enriquecido, quer para o seu percurso intelectual, quer para o espiritual, na certeza que só na Igreja em verdadeira e real comunhão se continuará a construir a “casa terrena” que Jesus tem para nós através da Sua mensagem salvífica.

## I – A Atitude Cristã de fé (características):

### 1 – A fé na Sagrada Escritura

A fé é uma adesão do homem a Deus e a toda a existência cristã. É uma orientação permanente para a salvação.

No Antigo Testamento encontramos vários significados para a palavra crer. A ideia que sobressai a partir da história de Abraão, da literatura profética e dos salmos é a de confiança em Deus e obediência aos seus mandamentos. É um conhecimento teórico e prático sobre a vontade de Yahvé. Em Isaías transparece a ideia de rocha segura sobre a qual o homem deve alicerçar toda a sua existência. Só Deus é merecedor de toda a confiança pois se manifesta nas suas intervenções como único salvador<sup>1</sup>.

#### 1.1 – A fé no Antigo Testamento

A fé no Antigo Testamento é um encontro entre Deus e o homem. A iniciativa é sempre de Deus que se apresenta como um Deus revelador e de amor, a quem o homem deve responder com todo o empenho: no temor, na obediência, no amor, na confiança, na fidelidade, na esperança, na perseverança, na paciência, na adesão de fé e reconhecimento. Ela designa, ao longo do Antigo Testamento, a fidelidade e a confiança do justo em Deus. É também a capacidade de interpretar a história, ou seja, as intervenções de Deus em Israel. A fé nasce a partir do acontecimento fundador de Israel e requer a transmissão da

---

<sup>1</sup> Cf. *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*. Salamanca: Ediciones Sigueme, pp. 277-279, 1982.

aliança através das gerações, sendo por isso um compromisso. Ela é a condição de subsistência do povo de Israel<sup>2</sup>.

Supõe também um consentimento da inteligência e principalmente um reconhecimento de Deus em todas as suas manifestações. No primeiro plano estão a obediência e a confiança. Já os salmos aludem a esta fé, encontrando a sua expressão clássica na história de Abraão: um modelo exemplar porque arriscou a sua vida confiando na promessa de Deus<sup>3</sup>.

## 1.2 – A fé no Novo Testamento

No Novo Testamento a perspectiva da fé centra-se no acontecimento de Jesus Cristo. O Kerigma passa a ser o seu conteúdo principal. E perante este acontecimento, em que Deus intervém de forma definitiva na história, o homem precisa de o aceitar, tendo fé e convertendo-se. Como podemos ver no evangelho de Marcos ela surge como necessidade para a salvação do homem<sup>4</sup>.

### Nos Evangelhos Sinópticos

Nos Evangelhos Sinópticos a fé adquire um significado de uma confiança única e absoluta em Deus. É aceitar o seu plano salvífico realizado em Cristo. Aderir ao seu testemunho de crucificado e ressuscitado. Este significado é exclusivo dos cristãos e refere-se também ao reconhecimento da messianidade de Cristo anunciada pelos profetas.

---

<sup>2</sup> Cf. DUQUE, João - *Homo Credens, para uma Teologia da Fé*. 2ªed. Lisboa: Universidade Católica Editora, p. 68. 2004

<sup>3</sup>Idem, pp. 68-70.

<sup>4</sup> Cf. Idem, *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*, pp.246-247.

Além disso, a fé aparece ligada a uma cura esperada. Ela opera milagres. Embora o seu objectivo seja Deus ela centra-se na íntima relação com a missão de Jesus. Esta fé foi-se desenvolvendo nos discípulos da primeira comunidade cristã. Sendo Deus comum à fé dos judeus e cristãos, estes têm a especificidade de reconhecer Cristo que opera a remissão dos pecados, indispensável para a salvação.

#### Nos Escritos Joaninos

Em João, a fé significa reconhecer a filiação divina de Jesus. Reconhecê-lo como enviado, Messias filho de Deus, aceitando o testemunho dele próprio. O seu objecto é essencialmente Cristo, reconhecido como Messias, o enviado, o Filho, o único mediador, a luz, a vida e redentor.

É também algo que afecta o homem no mais profundo do seu ser. Embora ela se confunda praticamente com um conhecimento de Cristo, não é apenas esse conhecimento baseado num assentimento do intelecto, mas também uma entrega total do homem ao Filho de Deus. Exige também o amor operoso. É um acto exigido por Deus e o meio indispensável para a salvação. É o princípio da filiação divina. Pode-se chegar a ela reconhecendo os milagres, profecias, pelo testemunho de João Baptista e através das obras de Cristo, ou pela palavra de Jesus, sendo através deste último meio, a fé mais perfeita porque “bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20, 29). Implica procurar a Deus, acolhe-lo e amá-lo. Esta adesão dá origem a uma nova relação com Deus, a uma comunhão de vida com Ele. Significa, passar da morte à vida. Aliás, a fé é uma condição

necessária para a salvação que, em Jesus Cristo, deixa de ser uma esperança, para estar garantida ao crente<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Idem, J. DUQUE, p. 78.

### Na Epistola aos Hebreus

Na Epistola aos Hebreus ter fé significa reconhecer Deus através da sua revelação, isto é, especialmente através daquele que dá testemunho da verdade. Este acontecimento pressupõe a graça divina, que ilumina a inteligência e dispõe a liberdade para acolher a verdade. É um dom de Deus com o qual o homem é atraído por Ele e para Ele. Sem a atitude de fé o homem não pode agradar a Deus.

A definição dada na Epistola aos Hebreus está influenciada pelas correntes semíticas e gregas no sentido em que a mostra como segurança do homem em Deus; e das correntes gregas e helénicas quando a apresenta como conhecimento que leva à contemplação das coisas do mundo. É portanto como uma base firme para aquilo que se espera e uma prova do que não se vê. Tem por objectivo as coisas que não se têm nem se vêem, dando ao homem uma certeza nas promessas de Deus e, por isso, numa confiança. Desta forma aparece intimamente ligada à esperança. Tem por fundamento a palavra de Deus e dá a certeza das coisas passadas e futuras. São elementos decisivos para uma comunidade que é perseguida: a garantia do que se espera e a prova convincente das realidades que não se vêem. A fé transcende o que se percebe exteriormente<sup>6</sup>.

### Nas Epistolas Paulinas

Em Paulo a fé é a rejeição do crer em si próprio, nas suas forças, e a rejeição também da glorificação própria, e abrir-se ao auxílio de Cristo ressuscitado. A fé, precisando da colaboração do homem, tem iniciativa divina.

Mas ter fé significa aceitar Deus, e Jesus como seu filho; é acreditar nas suas promessas, no seu amor em Jesus e na libertação e na esperança que o filho traz. É também

---

<sup>6</sup> Cf. Idem, p.84

um assentimento do intelecto na palavra de Deus e um acto de vontade, na obediência à mesma palavra e na submissão total ao plano de Deus.

Também inclui o amor pelo qual o homem se entrega a Deus e a Cristo. Ela nasce da pregação e é efeito do Espírito e portanto, uma graça. Está entre os carismas e sua confiança até faz milagres. Coexistindo na terra com a esperança e o amor ela é inferior a este que permanecerá eternamente. A fé na ressurreição de Cristo é indispensável para a reconciliação com Deus. Por ela o homem participa da reconciliação operada por Cristo na sua morte e é libertado do pecado e, por isso, justificado<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Cf. Idem, p.246.

## 2 – A experiência da Igreja na reflexão da fé

Pelos mais diversos motivos, continuamos a ter nos Padres da Igreja um valioso tesouro no que se refere à reflexão teológica. Daí que, para uma teologia da fé, seja necessário um olhar histórico que procure sempre discernir o que é valioso para uma concepção que se queira devidamente crítica e completa. A utilidade duma visão histórica, no que se refere à teologia da fé, estende-se também à Idade Média<sup>8</sup>, em que se procurou, ao longo dos séculos, uma compreensão cada vez mais completa da fé cristã e que, por isso, tem muito para nos ensinar<sup>9</sup>.

A concepção da fé presente nos Padres da Igreja e demais escritores eclesiásticos, fundamentalmente, é a mesma que encontramos na Escritura. A preocupação foi sempre mais pelo conteúdo da fé do que pelo acto como tal (a sua forma). No entanto, para além de transmitirem o ensinamento bíblico sobre a fé, tomaram alguns desses ensinamentos e fizeram sobre eles uma reflexão mais profunda.

Nos primeiros escritos cristãos, podemos encontrar várias vezes elementos para uma teologia da fé. Na *Didakhé*, a palavra “fé” aparece 10 vezes. Na *Carta de Barnabé*, fé é crer em Deus e plenitude e perfeição no Antigo Testamento, em que Abraão é o único crente e modelo de todos os crentes. No Novo Testamento, o objectivo da fé é Cristo. Adquirindo a fé pela escuta, os cristãos são persuadidos a juntar à fé um conhecimento perfeito, a sabedoria e a inteligência. Encontramos aqui um primeiro esboço do posterior *credo ut intelligam*. Já no Pastor de Hermas temos a fé como aquilo que guia o crente ao

---

<sup>8</sup> Cf. Idem, *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*, pp. 282-285.

<sup>9</sup> Cf. Idem, J. DUQUE, pp. 87-89.

serviço de Deus. A fé, que fortalece e completa o cristão, é a primeira das boas obras e origem de todas as virtudes. Requisito para a Vida e para a pertença à Igreja, a fé tem a sua origem na escuta, que leva à conversão e ao batismo, e consiste em crer no filho de Deus. Ao contrário da obra anterior, temos aqui um acentuar da fé-confiança, em detrimento da fé-conhecimento<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup>Cf. Idem, p. 87.

## 2.1 – Padres da Igreja

### Padres Apostólicos

Os Padres apostólicos<sup>11</sup> não se interessam por dar definições precisas de “fé”, ou por desenvolver uma teologia especulativa sobre o termo. Na verdade, a sua preocupação era antes pastoral, a de motivar os leitores a perseverarem e crescerem na fé.

Uma das preocupações destes Padres era a de explicar o Cristianismo face à religião judaica. Mantendo alguns traços característicos da fé judaica, acentuam no entanto a sua radical *novidade*: Cristo, que fazia da fé cristã uma adesão *livre* a determinados conteúdos, presentes no anúncio cristão.

Clemente de Roma<sup>12</sup> apresenta algumas figuras do Antigo Testamento (Abraão, Isaac, Raab) como modelos de fé, que se expressa na esperança e na conduta. E, apesar de a justificação ser unicamente pela fé, dom gratuito, exorta os fiéis a manifestarem a fé nas obras, como sua consequência. Além disso, a fé está ainda ligada a um profundo e perfeito conhecimento dos mistérios cristãos, num apoio mútuo. Esse conhecimento imortal vem de Cristo e implica uma maior responsabilidade. O conhecimento perfeito tem origem numa fé perfeita, que é a verdadeira gnose.

Santo Inácio de Antioquia<sup>13</sup> por sua vez, associa sempre *fé* e *amor*, dizendo que a fé é o *começo* e o amor o *fim* da vida cristã. O objecto e o fundamento da fé são o *Kerygma* cristológico, em que Cristo se torna a verdadeira gnose, mais uma vez. Há que perseverar na fé com harmonia e firmeza, não apenas professando-a com a boca, mas concretizando-a em acção fiel.

---

<sup>11</sup> Cf. Idem, pp. 87-90.

<sup>12</sup> Cf. Idem, p. 90.

<sup>13</sup> Cf. Idem, p. 91.

Para Policarpo de Esmirna, a fé, que é crer n'aquela que ressuscitou Jesus e lhe deu a glória, é a mãe de todos nós. Os seus frutos são a salvação e a ressurreição.

#### Apologetas e escritores anti-heréticos

Os apologetas e os escritores anti-heréticos continuaram a manter grande proximidade com a concepção de fé presente no Novo Testamento, mas procuraram dialogar com o mundo de então e com a cultura vigente, sempre a partir da identidade cristã, identificada com a própria fé<sup>14</sup>.

Começa nesta época o grande conflito com as heresias, nomeadamente com os gnósticos. Face à heresia, e ao conseqüente perigo de deturpação da fé, desenvolve-se a noção da fé como conjunto de conteúdos, salientando-se o papel da tradição apostólica enquanto transmissora de verdades. A regra de fé da Igreja sobrepõe-se ao mero conhecimento das Escrituras, de que os hereges abusavam, e a quaisquer convicções metafísicas. A fé torna-se adesão a verdades de fé garantidas por Deus através da Igreja. Por outras palavras a *fides quae*, nesse tempo sobrepôs-se à *fides qua*, tendência que se fortaleceu nos séculos seguintes.

No entanto, devido ao conflito com os gnósticos, aparece agora uma primeira reflexão séria sobre a natureza da fé. Para aqueles hereges, a fé é consequência duma disposição natural ou dum fenómeno místico. A este determinismo, os pensadores cristãos opõem a fé como acto moral livre do homem e dom também livre da graça de Deus. A doutrina gnóstica, ao reduzir a fé a uma opinião, opunha-se à unidade da fé, recebida dos apóstolos, e cuja veracidade e fidelidade são asseguradas por Deus, única medida do acto

---

<sup>14</sup> Cf. Idem, *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*, pp. 188-202.

de fé. Aqui tem início uma reflexão aprofundada sobre o acto de fé, que se desenvolveu nos séculos seguintes, sobretudo no que toca às relações entre a fé e a razão.

São Justino foi o primeiro a abordar este problema. Na tentativa de relacionar a fé cristã e a filosofia grega, recorre a Cristo enquanto *Logos*. O *Logos* é fonte de inteligibilidade de toda a criação, pelo que não pode haver divergência entre a fé e a razão, entre a filosofia e a religião. Reflectindo agora sobre a fé, S. Justino apresenta como seus fundamentos a ressurreição, a profecia e a teologia do *Logos*, que como realizações que testemunham, apresentam provas até para os pagãos. A verdadeira gnose é a graça de compreender as profecias, o conhecimento de Deus e de Cristo<sup>15</sup>.

Santo Ireneu fala em termos de fé e conhecimento, dizendo que a verdade procura a fé e que esta, por sua vez, é “a compreensão das coisas que realmente são”. Mais uma vez, a verdadeira gnose é a fé<sup>16</sup>.

Para Clemente de Alexandria, o *Logos* é o fundamento da fé, que é precisamente escuta do *Logos*. Partindo da Bíblia e da filosofia aristotélica, Clemente nega que a fé seja uma opinião obscura e incerta, afirmando que é antes um conhecimento certo, assegurado por Deus. A Fé consiste numa antecipação, livremente adoptada, um assentimento racional, que é “fundamento das coisas esperadas e demonstração do que não se vê”, e sempre recebida livremente através da *escuta*. O destino da fé é o conhecimento, do qual é semente. Como conhecimento adequado de Deus, a fé tem correspondência com o conhecimento. Assim, a reflexão filosófica tem a sua legitimidade: não há oposição entre fé e razão<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup>Cf. Idem, *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*, pp. 188-192.

<sup>16</sup> Cf. Idem, J. DUQUE, p. 90.

<sup>17</sup> Cf. Idem, p. 89.

Já para Origenes a identificação fé-conhecimento não é dada por si só. A fé é assentimento baseado na *confiança*, assentimento dado a Cristo como Logos, por isso, presente tanto no Antigo Testamento como no Novo. Mas a plenitude da fé é atingida também no conhecimento. Na verdade, Origenes distingue entre a fé apenas e a fé unida ao conhecimento, sendo esta de maior importância, pois que é presença do próprio verbo no interior do Homem<sup>18</sup>.

Para Origenes<sup>19</sup>, fé e razão não se opõem: há que aceitar racionalmente. A fé simples não basta, se bem que seja suficiente para a maior parte dos homens. Ela deve unir-se ao conhecimento, visão, para a qual é verdadeiro caminho. Encontramos aqui já delineado o *credo quia absurdum*, fazendo da fé uma questão de oposição à razão, tomando a incoerência como testemunho de veracidade dos dogmas. Ao contrário doutros, que tomaram o conflito com a gnose como um desafio, Tertuliano<sup>20</sup> condena-a totalmente: “a razão foi pregada na cruz”. Por outro lado, Tertuliano acentua o conteúdo da fé, como regra, pertencente à Igreja.

#### Padres Gregos

Para os padres gregos continua dominante o problema fé/razão. A questão residia, entre outras coisas, em saber o que era primordial, se a fé, se o acto da inteligência. As respostas divergem, mas reflectem uma tendência sobretudo mística, que faz depender o conhecimento da fé.

---

<sup>18</sup> Cf. Idem. P.90-91.

<sup>19</sup> Cf. Idem, pp. 90-91.

<sup>20</sup> Cf. Idem, p. 90.

Basílio Magno, Gregório de Nazianzo<sup>21</sup>, Gregório de Nissa<sup>22</sup>, polemizando contra o racionalismo de Eunómio, vão numa direcção mística e fideísta na sua teologia da fé. Insistem nos limites da razão humana, com a conseqüente necessidade de se entregar à Palavra de Deus. Através da razão, podemos apenas chegar à convicção de que Deus existe, através das suas obras. A fé é, portanto, precedida dum conhecimento natural, mas é depois fundamento de todo o posterior conhecimento acerca de Deus. No entanto, Deus é incompreensível, um mistério que não pode ser perscrutado pela razão humana, mas apenas contemplado pela fé. Assim, não é a razão que leva a fé à perfeição, mas o contrário. Não há, no entanto um aniquilamento da razão, pois a fé é que leva a razão à plenitude. Fé sempre intimamente ligada à esperança, pois torna presente a meta que se deseja alcançar, como “fundamento daquilo que se espera”.

Para Teodoreto de Ciro, a fé é um assentimento voluntário à contemplação das coisas invisíveis. Como tal, ela é fundamento não demonstrativo de variados âmbitos do conhecimento e da vida, não só do religioso, sendo como que os olhos do espírito. Mas a fé necessita do conhecimento, tal com ele se segue à fé<sup>23</sup>.

Com Pseudo-Dionísio Areopagita, confirma-se a orientação mística da teologia da fé. Segundo ele, pelo conhecimento da fé atinge-se a unidade, e a verdade é atingida por um processo místico de união com Deus e de experiência de conaturalidade<sup>24</sup>.

Na esteira anterior, Máximo, o Confessor, considera a fé uma união imediata com Deus e entrada no seu mistério. Longe de ser apenas um ponto de início do conhecimento

---

<sup>21</sup> Cf. Idem, pp. 90-91.

<sup>22</sup> Cf. Idem, pp. 90-91.

<sup>23</sup> Cf. Idem, p. 92.

<sup>24</sup> Cf. Idem, p. 92.

(gnose), a fé é a gnose perfeita, pois contém princípios superiores à razão. Não é um conhecimento inferior, mas o seu máximo nível<sup>25</sup>.

#### Padres Latinos

Após Constantino, a fé passou a designar preferencialmente o conteúdo, profissão de fé, símbolo, regra, depósito de fé. Já S. Cipriano<sup>26</sup> assumia esses contornos, ao apresentar-se como indissociável da Igreja, mediadora da fé em Deus e, por isso da própria salvação. Outros Padres, como Hilário, Mário Vitorino ou Ambrósio<sup>27</sup> deixaram apenas algumas referências a uma teologia da fé, na qual vêem uma submissão à palavra de Deus e o único meio para chegar a ele<sup>28</sup>.

É Santo Agostinho<sup>29</sup> que deixa uma teologia da fé mais desenvolvida, que sintetiza várias tendências, e cuja influência tem dominado de uma grande forma todo o Cristianismo ocidental. Em Santo Agostinho encontramos simultaneamente uma interpretação mística, um fundamento antropológico e uma fundamentação histórica da fé.

Fé, para este Santo, é a forma de captarmos realidades invisíveis, como o amor e a vontade, a partir duma base de confiança em Deus, não uma confiança cega, mas sim atestada por elementos de credibilidade: os milagres, o cumprimento das profecias, a expansão do Cristianismo e a autoridade da Igreja. A fé apresenta-se como acolhimento do testemunho de Deus.

Nas relações entre fé e razão, Santo Agostinho toma posição pela complementaridade das duas. Crer é “pensar com assentimento”, que implica o exercício

---

<sup>25</sup> Cf. Idem, p. 92.

<sup>26</sup> Cf. Idem, *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*, pp. 190-202.

<sup>27</sup> Cf. Idem, pp. 190-202.

<sup>28</sup> Cf. Idem, J. DUQUE pp. 91-92.

<sup>29</sup> Cf. Idem, pp. 92-94.

do pensamento no acto de fé. Se alguém crê, é porque acha que deve crer: o pensar precede o crer. Todo o que crê, pensa, pois a fé que não se pensa não é verdadeira (*intelligo ut credam*). Mas a fé supera a razão humana. Assim como há uma compreensão prévia ao crer, também muitas coisas só se compreenderão à luz da fé. A fé é os olhos do espírito, e é através dela que nos aproximamos daquilo que não compreendemos (*credo ut intelligam*). No entanto, apesar disto, Santo Agostinho, sublinha a deficiência duma compreensão estritamente racional da fé: não basta acreditar que Deus existe, pois isso até os demónios o fazem. Fé é objecto da vontade, ou seja, do amor. Dai a tríplice distinção das três dimensões da fé cristã: *credere Deum* (como objecto), *credere Deo* (submissão amorosa), *credere in Deum* (procura da união com Deus, como meta) pertence também a Santo Agostinho a célebre distinção entre a fé como conteúdo (*fides quae creditur*) e a fé como acto (*fides qua creditur*).

Em controvérsia com os pelagianos, Santo Agostinho<sup>30</sup> debruça-se sobre o problema da origem da fé, e diz que ela é exclusivamente um dom de Deus, que livremente a concede. É Deus que nos atrai a Jesus Cristo. A fé é adquirida através da escuta, desde o Antigo Testamento, no qual já ressoava a voz de Cristo, como Logos. É acreditar no que está oculto e preparação para ver o que agora nos é invisível. Ela purifica os nossos corações e tem como destino a vida eterna<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Cf. Idem, pp. 92-94.

<sup>31</sup> Cf. Idem, pp.87-94.

## 2.2 – Da Idade Média ao Concílio Vaticano II

A problemática medieval sobre a fé continuou, em grande parte, a reflexão feita na época anterior. Foram dominantes, neste período, as questões à volta da possibilidade do conhecimento de Deus e da fundamentação racional da fé. O método utilizado, além da leitura e comentário das *auctoritates*, repousava também na pergunta e subsequente discussão. A filosofia era aqui particularmente tomada como serva da teologia, o que reconhecia, no entanto, uma ordem da razão, independente da fé. Da diversidade de escolas e opiniões surgiram diferentes contributos para uma teologia da fé<sup>32</sup>.

### O início da escolástica

Na continuação dos antecessores, João Escoto Eriúgena debruçou-se sobre as relações entre fé e razão, dizendo que nunca podem opor-se. Reconhece na fé um auxílio necessário que completa a razão na busca da verdade<sup>33</sup>.

Ao mesmo trabalho se dedicou Santo Anselmo. Para ele, a fé dá ao homem a plenitude de conhecimento que o impele ao encontro com Deus, plenitude perdida com o pecado original. Por isso, para ele não pode haver contradição entre fé e razão. Dedicou-se, assim, a procurar as razões necessárias da fé (*fides quarens intellectum*), que é submissão à palavra de Deus e condição para a compreensão da própria fé (*intellectus quarens fidem*)<sup>34</sup>.

Pedro Abelardo pretendia salvaguardar o papel da razão na fé, dizendo que a razão pode conseguir um princípio de fé. A razão deve julgar da conveniência de depositar a

---

<sup>32</sup> Cf. Idem, *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*, pp. 197-202.

<sup>33</sup> Cf. Idem, pp. 407-408.

<sup>34</sup> Cf. Idem, pp. 200-202.

confiança nesta ou naquela autoridade. É a inteligência da fé (*intellectus*), que nunca é, todavia, idêntica ao conhecimento perfeito (*cognitio*), que só se tem na vida eterna<sup>35</sup>.

S. Bernardo de Claraval, em disputa com Abelardo, confundiu neste *intellectus* e *cognitio*, acabando por condenar a sua teologia. Por outro lado, distinguiu três espécies de fé: a fé nos sinais (omnipotência divina), a fé nas promessas (esperança) e a fé nos mandamentos divinos (manifestada nas obras). Além disso, distinguiu fé (adesão a uma autoridade), inteligência (adesão à razão) e opinião (baseada na mera semelhança), definindo fé como antecipação voluntária e certa de verdades ainda não manifestas<sup>36</sup>.

Guilherme de Saint-Thierry sublinhou a dimensão afectiva da experiência da fé, em que a vontade leva a razão a dar assentimento à palavra divina<sup>37</sup>.

Hugo de S. Vítor toma novamente a fé como fundamento do que se espera, que nos torna presente aquilo de que temos esperança. Como elementos da fé, distingue o formal (o afecto) e o material (o conteúdo da fé), manifestado ao intelecto. Só pela fé se pode restaurar a capacidade humana original de ver não só o mundo, mas também o próprio Deus<sup>38</sup>.

Pedro Lombardo chamou a atenção para a indissociabilidade entre a fé, a esperança e a caridade, pois a fé é fundamento destas duas. Ninguém espera ou ama quem não crê. Mas a fé, longe de ser mera aceitação de conteúdos, é marcada pelo amor. Por isso, a fé basta-se a si mesma, sem necessitar de argumentos exteriores. Esta posição, embora abra a porta ao fideísmo, marca uma orientação contrária ao racionalismo doutros doutores<sup>39</sup>.

---

<sup>35</sup> Cf. J. DUQUE, p. 96.

<sup>36</sup> Cf. Idem, p. 96.

<sup>37</sup> Cf. Idem, p. 96.

<sup>38</sup> Cf. Idem, p. 96.

<sup>39</sup> Cf. Idem, pp. 96-97.

### O apogeu da escolástica

Nesta época aprofundaram-se ainda mais os problemas relacionados com a estrutura da fé, da sua origem, da sua forma. É deste tempo a descoberta da filosofia de Aristóteles, depois de séculos de desconhecimento. Esta descoberta colocou um grave problema à teologia do *credo ut intelligam*. Em Aristóteles encontrou-se uma visão do mundo e um vasto sistema filosófico que funcionavam lindamente, mas que eram totalmente alheios à Revelação de Deus. Isso demonstrava que não era necessário ter fé para poder compreender o mundo de forma bastante admirável<sup>40</sup>.

Alexandre de Hales identifica a fé como uma ciência, sendo que a fé tem uma especificidade: os seus princípios são conhecidos como certos pelo intelecto afectivo. A certeza da fé é deste tipo, e inclui também a inteligência<sup>41</sup>.

São Boaventura, nome cimeiro da escolástica franciscana, exaltou o cristocentrismo da fé, ponto de partida, que se desenvolve na teologia e na contemplação mística. A fé, fundamento de todas as virtudes, permite compreender a natureza e a Escritura: nesse ponto, supera o conhecimento científico, porque depende do Amor. A fé é uma luz do Espírito Santo na alma, que dá à fé o seu carácter de certeza<sup>42</sup>.

É São Tomás de Aquino que representa o apogeu da escolástica e também um ponto alto da teologia em geral. Definindo a fé, apresenta-a como aceitação intelectual da revelação, mas aceitação motivada pela vontade, que por sua vez é movida pela graça de Deus, mas sem que o acto de fé perca o seu carácter livre. Mas, além desta dimensão racional da fé, S. Tomás salvaguarda a sua orientação para Deus, para a revelação, para a

---

<sup>40</sup> Cf. Idem, *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*, pp. 249-260.

<sup>41</sup> Cf. Idem, J: DUQUE, p. 97.

<sup>42</sup> Cf. Idem, pp. 97-98.

salvação e para a mediação da Igreja: a capacidade salvífica da fé vem do Deus que se revela, através da Igreja<sup>43</sup>.

A fé consiste, portanto, num assentimento a conteúdos determinados<sup>44</sup>. Mas S. Tomás<sup>45</sup> sublinha que as realidades significadas superam em muito meras formulações humanas e que, por isso, todo o acto de fé tem uma dimensão doxológica, de louvor, que manifesta o seu carácter essencialmente transcendente. O objecto material da confissão de fé são as afirmações, mas o seu objecto formal é sempre Deus enquanto Verdade suprema que se revela e se conhece através da escuta.

Caracterizando a fé, o doutor angélico toma-a como um conhecimento, imperfeito, é certo, mas apenas enquanto se distingue da visão, que é dada somente na plenitude da vida eterna. Em relação aos demais conhecimentos humanos, a fé é de todos o mais perfeito, falando do ponto de vista objectivo. Do ponto de vista subjectivo, é claro que a fé tem conteúdos menos evidentes que o conhecimento científico.

Acerca do fundamento da fé, S. Tomás<sup>46</sup> salienta que é apenas Deus que coloca no homem o desejo de d'Ele se aproximar, pelo que lhe concede uma capacidade natural, a razão, que é base de aceitação para a fé.

---

<sup>43</sup> Cf. Idem, pp. 98-101.

<sup>44</sup> Cf. Idem, p.227.

<sup>45</sup> Cf. Idem, p. 229.

<sup>46</sup> Cf. Idem, pp. 98-101.

### A decadência da escolástica

Nesta época, o equilíbrio na concepção da fé conseguido em épocas anteriores entrou em crise, sobretudo em virtude da ascensão do racionalismo, do fideísmo e do nominalismo.

João Duns Escoto, seguindo uma tendência já existente, procurou reabilitar o papel da razão face à fé. Assim, conclui que o acto de fé é impossível sem uma preparação humana. Apesar dos mistérios apenas poderem ser conhecidos através do testemunho de uma comunidade crente, subsiste um fundamento lógico da fé, baseado na credibilidade do testemunho. Pela razão, apesar disso, seria possível chegar a muitos conteúdos da fé cristã<sup>47</sup>.

Essa fé racional, porém não basta para a salvação. Ela tem de ser completada pela fé sobrenatural, que inclina a vontade para a plena aceitação da doutrina cristã. A tendência deste teólogo, no entanto, continua a ser a de prestar mais atenção à proximidade da razão e fé, fazendo da fé algo necessário apenas porque Deus assim determina.

No seguimento da escola franciscana, contudo, João Duns Escoto sublinha que a fé não é fruto duma inteligência especulativa, mas sim sobretudo prática, por se dirigir ao amor e à plenitude de vida. A fé, para ser salvífica, tem de ser informada pela caridade<sup>48</sup>.

Esta tendência é levada ao extremo por outro franciscano, Guilherme de Ockham<sup>49</sup>. Criticando as provas da existência de Deus, sustenta que as afirmações é que devem, na fé, submeter-se à autoridade da Escritura e da Igreja. Com este teólogo, acentua-se o fosso entre fé e razão, que são reconhecidas como âmbitos profundamente distintos e separados.

---

<sup>47</sup> Cf. *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*, pp. 285-287.

<sup>48</sup> Cf. *Idem*, pp. 287-289.

<sup>49</sup> Cf. *Idem*, pp. 277.

Para proclamar a independência da razão, a fé é apresentada de modo fideísta, directamente dependente da Escritura e da Igreja. O voluntarismo, por sua vez, leva a dizer que a necessidade da graça e da fé sobrenatural não é dada por si só: Deus poderia determinar que para a salvação bastasse uma fé meramente racional. Assim a fé sobrenatural aparece como necessária apenas porque assim é testemunhada pela Escritura e pela tradição.

Com o nominalismo, separou-se fé e razão, e fez-se a fé depender de externos sinais de credibilidade. Daí que se desse grande importância a argumentos apologéticos. Esta reflexão abria caminho para a reforma, que teve aqui alguns dos seus antecedentes doutrinários<sup>50</sup>.

### A Reforma

Ao falar de Reforma, falamos de certo na reforma protestante, ou seja, luterana, que marca uma certa época sobre a reflexão da fé. A fé toma assim o papel central na reforma que há a fazer no seio da Igreja. Segundo Lutero é pela fé que se determina a verdade ou a falsidade do cristianismo.

Se tomamos a fé como única forma de justificação do pecador, fica desta forma definida a partir desse seu papel justificante. “A soteriologia torna-se o ponto construtivo da doutrina da fé, na sua totalidade”. Tal como se pode observar a doutrina da justificação não é apenas parte integrante da fé, mas sim ponto crítico e construtivo, ou seja, é o ponto central da reflexão da doutrina da fé.

O cerne da controvérsia entre a teologia reformada e a teologia católica tradicional está, em uma levar a recondução da justificação à fé (como acolhimento passivo) e outra

---

<sup>50</sup> Cf. Idem, J. DUQUE, pp. 95-104.

levar a fé à justificação (como perdão totalmente gratuito). Esta controvérsia teve o seu início na problemática da reconciliação (sacramental), isto é, concentrando-se apenas na confissão dos pecados, no arrependimento e na penitência parecia esquecer que o pecado dos pecadores, ou seja, a justificação do pecador é mero dom de Deus.

É aqui que Lutero se impõe e recorda que a justificação é obra de Deus, escolhida através da fé. Lutero entende a salvação como perdão das culpas, a fé aparece como confiança nas promessas de Deus e na sua misericórdia, como convicção da própria justificação pessoal. A fé consiste na entrega confiante e sem reservas a Deus, que é incompreensível na sua ira e na sua graça. O ser humano só pode participar na justiça de Deus pela fé, logo para Lutero o único caminho do homem para a salvação é a fé. Porém a fé constitui dom gratuito de Deus, nunca merecido pelo homem, visto ser pecador por natureza<sup>51</sup>.

É pela palavra fé que nos é dirigida no Evangelho, que é operado em nós o perdão dos pecados, e desta forma liberta-nos da condição fundamental e pecadores a que estamos ligados. A concentração da fé está ligada à concentração da Palavra no Evangelho, cuja acção se dá em nós, e por nós é acolhida se a escutarmos. Através desta palavra é tomada a acção de Cristo como causa da nossa justificação. Desta forma a concepção de Lutero não é só soteriológica, mas também cristocêntrica, como justificação disso temos a sua tese central da *sola fide*, visto que está directamente ligada ao princípio básico do “*per Christum*”.

Desta maneira uma concepção de fé que se centre somente numa análise psicológica ou epistemológica corre o risco de se entender a fé como algo meramente

---

<sup>51</sup> Cf. Idem, pp. 101-105.

humano. É pois impossível falar de fé sem a considerar como dom gratuito e como concretizada na realidade. Assim a proposta de Lutero frente à doutrina da fé é uma proposta de “*fides contra fidem*”. Porém esta proposta corre o risco de reduzir a fé à sua dimensão fiducial e instaurar desta forma uma separação radical entre fé e razão, semelhante àquela que se instaurou no fim da reflexão escolástica<sup>52</sup>.

### Concílio de Trento

O Concílio de Trento veio no seguimento desta reforma, e assim assumiu algumas acentuações da reforma, porém marca uma posição forte contra as suas possíveis reduções. Acentua desta forma, que a salvação é exclusivamente dom de Deus, e condena todos aqueles que dizem “conseguir a salvação por meio das suas obras, sem a graça divina de Cristo Jesus”.

Por outro lado o Concílio opôs-se à radical centralização de toda a acção salvífica na temática da justificação e do mesmo modo não aceitou a redução da fé à sua dimensão justificante, denunciando a totalização e subjectivação soteriológica do conceito de fé. Defendendo assim a distinção entre fé, esperança e caridade e não a separação destes três valores, como havia postulado Lutero. Para o concílio de Trento e como em parte para a doutrina protestante a fé constitui o início da salvação humana, fundamento e raiz de toda a justificação, no entanto a fé não leva à plenitude da justificação, se não for completada com a caridade e a esperança.

O homem não assume aqui um papel passivo, mas antes um papel receptivo, visto que está apto para o acolhimento em liberdade e na globalidade das suas faculdades para essa libertação, que se dá em si, por meio da mão de Deus, num dom de libertação gratuita.

---

<sup>52</sup> Cf. Idem, 101-105.

O concílio defende que a fé consiste no encontro salvífico entre Deus e o homem, a fé é entendida como acto pessoal, livre e total do homem<sup>53</sup>.

### A Modernidade

A reflexão sobre o tema da fé atingiu neste período grande relevo. Surge nesta época uma distinção entre religião natural e religião revelada. Enquanto a religião natural, tinha por base a autonomia da razão humana, a religião revelada partia da fé numa revelação histórica, contrapondo-se à razão universal. Desta forma acentuou-se a barreira entre fé e razão, a qual já tinha sido aflorada na reforma, entre os termos fé e ciência. Na modernidade a fé é apresentada como uma experiência intuitiva de Deus, com a ausência de todo o tipo de assentimento intelectual<sup>54</sup>.

Daqui, nasce decerto uma tensão entre vários valores a nível teológico, entre eles estão presentes os binómios: razão/revelação; verdade/história; autonomia/liberdade; racionalismo/misticismo. De entre ambas as partes em discussão, por um lado os defensores da modernidade por outro a Igreja, surge uma proposta de conciliação entre os vários valores referidos anteriormente.

Desta forma a fé, a história, a liberdade e a revelação são dissolvidas na razão absoluta, numa tentativa de conciliação de modo a chegar a um sistema englobante de todas as dimensões da realidade. Surge então uma reacção em massa a esta proposta, que visava a dissolução da fé no sistema absoluto da razão. De entre a igreja católica surge uma reacção contra a modernidade encabeçada pela neo-escolástica, apesar de não chegar a

---

<sup>53</sup>CF. S. PIÉ-NINOT *La Teologia Fundamental*, Edicion Nueva <sup>5</sup>2002, p. 185.

<sup>54</sup> Cf. J. DUQUE, *Idem* pp. 106-110.

constituir uma proposta válida, ganha adeptos, contudo existiram teólogos que marcaram posição contra a igreja católica. Em França estes teólogos tomaram os ideais da modernidade de forma global, defendendo uma religião natural, sem lugar para a fé, o que ficou conhecida como a “crise da modernidade”. Na Alemanha por seu lado os teólogos que aceitaram os ideais da modernidade, comungavam também da teologia protestante, desta forma não tomaram partido nem pela modernidade, nem pela neo-escolástica, mas tentaram aprofundar as raízes da sua teologia nos Padres da Igreja.

Na modernidade teve grande importância o concílio Vaticano I, visto que versou directamente sobre o tema da fé na constituição *Dei Filius*. Os capítulos III e IV desta constituição, fazem referência à fé na vida da pessoa, exemplo disto é o início do III capítulo definindo a fé como *intellectus et voluntatis obsequiu*, ou seja, a inteligência e a vontade falam, aqui pelo ser humano, na sua totalidade pessoal. Quanto ao papel da Igreja neste ponto podemos defini-lo, como medianeiro na proposição das verdades doutrinárias. Não só na aceitação dos dogmas, mas como testemunho da aceitação de fé, dando-lhe assim credibilidade. O concílio Vaticano I evidenciou em grande plano as propriedades objectivas e intelectuais da revelação e da fé.

O IV capítulo da *Dei Filius* aborda por seu lado o binómio fé-razão, questionando-se se e como pode a razão humana conhecer os mistérios de Deus. Tentando solucionar esta questão o concílio estabelece duas ordens de conhecimento, a fé e a razão, porém, acentua que só pela fé é que temos conhecimento dos mistérios revelados, isto é, só temos acesso a estes mistérios por meio da revelação. O concílio ao estabelecer este binómio de

fé-razão, não os contrapõe, mas recorda antes que procedem ambos de Deus, e que um correcto usa da razão iluminada pela fé liberta a razão de possíveis erros<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup>Cf. Idem, pp. 105-110.

## No II Concílio ecuménico do Vaticano

O concílio Vaticano II abordou a questão da fé essencialmente nos contextos pastorais e eclesiológicos, que marcam todo o concílio. Para o contexto da fé são de grande importância as constituições dogmáticas *Dei Verbum* e *Lumen Gentium* e a constituição pastoral *Gaudium et Spes*.<sup>56</sup>

Na *Dei Verbum* no que diz respeito à fé, esta constituição repete o que diz o concílio Vaticano I, porém de maneira mais equilibrada nas dimensões dialógico – pessoal, objectiva, cognitiva, histórica e cristológica, eclesiológica e soteriológica da fé. O Vaticano I tem também importância em relação à revelação apesar de ter agora novas acentuações, afectando assim a concepção de fé. Na *Dei Verbum* a revelação não é apenas comunicação de conteúdos, mas sim a auto – comunicação e doação do próprio Deus. A adesão dá-se na adesão a Cristo e ao seu anúncio por acção interna do espírito. Deste modo a fé assume uma forte dimensão histórico-salvífica e trinitária. A trindade aparece como princípio, meio e fim, mas a fé não deixa de ser um acto autenticamente humano é o que afirma a *Dei Verbum*, onde salienta também a aceitação da revelação pela fé (DV 5).

A *Lumen Gentium* centra-se mais na Igreja enquanto mediação central da sua transmissão, salientando a dimensão eclesial e testemunhal daquela estreitamente ligada à tradição (transmissão). A Igreja é apresentada, entre outras dimensões, como sacramento de Cristo. “Enquanto comunidade de Fé, esperança e caridade, por meio da qual Cristo difunde em todos a verdade e a graça” como tal adesão à Igreja dá-se a adesão de fé ao Deus que se comunica na revelação. Na verdade isto revela uma marca eclesiológica num concílio marcadamente eclesiológico.

---

<sup>56</sup> Cf. J. DUQUE, *Idem* pp. 110-113.

A *Gaudium et Spes* coloca a problemática da relação entre fé e razão. No campo mais vasto da relação entre Igreja e o mundo ou cultura, analisada (a relação) do ponto de vista pastoral. Partindo do facto de que a Igreja é constituída por homens, a *Gaudium et Spes* considera claramente que a Igreja está intimamente ligada ao género Humano e à sua história. Sendo no género humano que se dá o acto de fé não se pode estabelecer uma contradição entre a fé e tudo o que constitui o homem inclusive o seu pensamento e as suas realizações. Esta interpretação entre fé cristã e razão só acontece quando existe um pensamento aberto à fundamentação transcendente, que não se fica no imanente a si ou à história. No fundo a relação entre fé e razão, pensamento ou cultura depende da concepção e da vivência que se tiver dos mesmos<sup>57</sup>.

“O Concilio Vaticano II oferece-nos a propósito da Sagrada Escritura um ensinamento magisterial, inovador e renovador.<sup>58</sup>”

Contudo estes campos (cultura/pensamento) continuam relativamente inexplorados teologicamente, sendo uma das mais importantes tarefas da teologia fundamental do presente e do futuro<sup>59</sup>.

---

<sup>57</sup> Cf. *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*, Ediciones Sigueme, Salamanca 1982 p.242.

<sup>58</sup> Cf. *Diccionario Teológico Interdisciplinar I*, Ediciones Sigueme, Salamanca 1982 p.241.

<sup>59</sup> Idem, pp. 110-113.

### III – Elementos constitutivos da atitude cristã de fé

Quem acredita em alguém acredita sempre também em algo, estes dois elementos estão intimamente unidos como podemos verificar no nosso dia-a-dia dos verbos crer e acreditar. A pessoa humana só se revela e só se torna compreensível à fé em mediações de si mesma, a que podemos chamar símbolos, símbolos estes que nos permitem conhecer o outro abrindo-nos a ele. Todo o tipo de mediação do outro para conosco é “símbolo real”, uma mediação na qual o outro garante a sua alteridade sem que seja abarcado na nossa mesmidade.

É sem dúvida o principal símbolo real do outro a linguagem pois é na linguagem que o outro se me revela tornando possível a minha fé nele. Sem qualquer tipo de linguagem nunca poderíamos acreditar em ninguém a não ser em mim mesmo. A linguagem torna-se mediação necessária da presença do outro, não o reduzindo à minha representação dele.

O conhecimento de fé baseado na pessoa de Jesus Cristo necessita de uma mediação testemunhal do outro para mim e de mim para o outro, contudo não podemos esquecer a mediação linguístico-simbólica. Esta articulação linguístico-simbólica é aquilo a que a tradição chama conteúdo, ou seja *fides quae*.

Uma oposição entre fé como acto de confiança (fiducial) interpessoal e fé como acto de aceitação (intelectual) de verdades estabelece uma falsa alternativa que, quando acompanhada pelo isolamento da primeira, resulta com certeza em fideísmo ou até mesmo subjectivismo<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup>Idem, pp. 114-134.

### 3.1 – O Homem ser de Diálogo e Encontro

“Uma relação, cujos termos não formam uma totalidade, só pode pois produzir-se na economia geral do ser como indo de Mim para o Outro, como *frente a frente*, como desenhando uma distância em profundidade – a do discurso, da bondade, do desejo – irreduzível à estabelecida pela actividade sintética do entendimento entre os termos diversos – diferentes uns em relação aos outros – que se oferecem à sua operação sinóptica. O eu não é uma formação contingente graças à qual o Mesmo e o Outro – determinações lógicas do ser – podem além disso reflectir-se *num pensamento*. É para que a alteridade se produza *no ser* que é necessário um “pensamento” e que é preciso um Eu”<sup>61</sup>.

Pelo contrário, ao entendermos o Homem como ser de comunhão, que se completa na relação com o outro, transformando a sua personalidade finita em infinita no serviço, e baseando nesta premissa a antropologia e a ética, o Homem alcança, então, a sua plenitude. Abrindo-se ao outro, o Homem toma consciência da sua essência: pessoa humana. Pessoa para a relação, ser revestido de identidade, mas que se consciencializa da alteridade que lhe é extrinsecamente intrínseca, numa vivência em instituições justas. Esta tríade, fruto da Filosofia Personalista (Mounier, Lévinas, Ricoeur), abre novos horizontes à sua auto-compreensão. Se cada eu é um eu, só o consegue ser na medida em que urge um outro eu, como tu, que se distinga do eu de si próprio. A consciência do outro é consciência de si mesmo. Mas, como compreender o outro?

Em primeiro lugar: apercebo-me dele ainda antes de me aperceber de mim mesmo. Por ter consciência de que ele está fora de mim, da sua presença, é que posso concluir que eu estou aqui, que eu sou eu, que eu existo mesmo, na diferença dele. Porquê?

---

<sup>61</sup>Cf. E. LÉVINAS, *Totalidade e Infinito*, Edições 70, Lisboa 2000, p. 27.

Porque ele, outro, urge-me. Necessita de mim. O seu apelo é imenso. Clama e rompe a minha surdez. E aqui, neste contexto exacto, posso decidir então: quero ou não responder? Mesmo sabendo que este apelo me urge, que é maior que a minha possibilidade de dizer não, tenho sempre essa hipótese. Se digo não, permaneço numa antropologia egoísta e, por conseguinte, de primeiro nível. Contudo, ao dizer sim, abro-me ao outro e disponho-me à comunhão (comum união) com ele. Mas, e afinal, quem é o outro? “E quem é o meu próximo?” (Lc 10, 29).

Todos e cada um. A chamada do rosto de cada um (Lévinas) rompe o meu isolamento e faz-me decidir pelo outro. Dá-se aqui o primado do outro na relação, perante o qual abduco mesmo do meu conforto, muitas vezes de mim mesmo, para estar com ele, ser com, em e para ele. Aqui, a questão do sentido ganha finalmente a resposta que todos queremos ouvir: que vivemos e estamos vivos.

Mas, se o primado é do outro, não se correrá o risco de o outro se sobrepor a mim? Não, porque para o outro, eu não sou eu, mas outro, tal como para mim, o outro é outro e não eu. Tal como ele me urge, eu urgo-o: completamo-nos, melhor, complementamo-nos: e é nisto que consiste mais profundamente a comunhão entre eu e o outro, que nunca é um de nós, indefinido, mas a comunhão entre duas pessoas distintas.

A comunhão com o outro que me urge abre-me à comunhão com o resto da materialidade, com o mundo, com o universo. É no âmbito desta comunhão que eu descubro o meu verdadeiro «ser-sem-limites», pois a relacionalidade, vivida com cada ser, físico ou espiritual, aponta sempre para o sinal infinito. E é no Infinito que somos verdadeiramente livres. Livres, porque amamos, porque nos entregamos completamente, porque dispomos a nossa liberdade, com responsabilidade e consciência, sem coacções de

ordem alguma a não ser o maior bem do outro, que não coage, mas impele a agir, apenas e só para servir o outro (antropologia de segundo tipo, claramente), e não eu próprio (como numa antropologia de primeiro tipo). Ou, como diria Paulo de Tarso aos Gálatas:

“Irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós fostes chamados. Só que não deveis deixar que essa liberdade se torne numa ocasião para os vossos apetites carnis. Pelo contrário: pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros. É que toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: “ Ama o teu próximo como a ti mesmo.” Mas, se vos mordeis e devorais uns aos outros, cuidado, não sejais consumidos uns pelos outros.” (Gál 5, 13-15).

O homem nasce, vive, pensa e sente e é nesta conjuntura que é chamado a contribuir para o bem comum, ou seja, embora nem sempre os caminhos mais fáceis sejam aqueles que o levam à felicidade, são esses mesmos que com sacrifício, dedicação, esforço e muita vontade sem nunca desistir, que o homem encontra a possibilidade de caminhar por uma rota justa, válida, que não é apenas para si mesmo, mas antes para que na abertura ao outro ser humano se conheça a si mesmo e possa desempenhar a sua vocação real, neste mundo terreno e de mera passagem até a eternidade.

Esta é a recapitulação absoluta da própria vida. Uma vida assim vivida só pode caminhar para uma resposta à questão do sentido. Mas, se é na questão do sentido que reside toda a plenitude do ser, se este é respondido apenas na medida em que se consegue viver em comunhão, o que garante que viver a vida orientada para este sentido valeu a pena?

Eis-nos chegados à questão principal: a partir de questão do sentido, numa vivência da personalidade na sua tríplice dimensão (pneumatológica, psicológica e somática),

apoiados no tripé ético da pessoa (identidade, alteridade e terceira realidade), poderemos chegar até Deus?

### 3.2 – Apropriação da verdade e do conhecimento: uma experiência activa ou passiva?

No contexto da fé cristã quando falamos de experiência implica falar de experiência de uma forma genérica, contudo com alguma concentração na temática da experiência da Deus. Pretende-se reinserir na realidade concreta dos crentes, como reacção contra um processo de progressiva abstracção da mesma, que terá afectado a reflexão teológica dos últimos séculos.

Para que se possa afirmar uma experiência de Deus é preciso primeiro mostrar que nela se experimenta realmente Deus, isto é, que ele existe enquanto realidade e que a nossa experiência tende para ele, não se limitando assim a permanecer na imanência do ser humano.

A experiência enquanto interpretação da experiência no dia-a-dia dá-se nas experiências categoriais como horizonte transcendental das mesmas; é ela que possibilita toda a experiência e toda a interpretação crente da experiência, assim essa interpretação transcende o mero acto humano de interpretar. Só assim é possível experimentar Deus como realidade que nos transcende.

A experiência de fé pessoal e comunitária é sempre experiência constituinte de identidade pessoal e comunitária.

O acto de fé só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo, contudo não é menos verdade dizermos que crer é um acto autenticamente humano que não é contrário nem à liberdade nem à inteligência do homem. Na fé a inteligência e a vontade

do homem cooperam com a vontade divina, pois crer é acto da inteligência por determinação da nossa vontade movida pela graça de Deus. A fé é dom de Deus, contudo compete ao homem responder positiva ou negativamente, daí o homem ser um sujeito activo neste acto de fé. Não podemos esquecer uma certa passividade da sua parte, visto que, a fé lhe é dada. A fé é um acto pessoal, uma resposta livre por parte do homem a Deus<sup>62</sup>.

---

<sup>62</sup>Cf. Idem, J. DUQUE, pp. 134-141.

### 3.3 – Formas e meios de conhecimento: subjectivo ou objectivo?

O conhecer é acto do sujeito todo inteiro na sua circunstância a tomar noção do objecto, nunca se pode ignorar em nenhuma análise do conhecimento esta análise global.

O sujeito nunca é só puramente cognitivo, pois não somos sujeitos puros ou neutrais, cada vez que adquirimos conhecimento vamos ficando marcados pelo mesmo, para além disso temos motivações emotivo-afectivas que são de carácter pessoal. Existem várias condicionantes que podem modificar o nosso conhecimento, tanto a nossa relação dialógica como a cultura em que estamos inseridos, não esquecendo também o tempo e o espaço. A linguagem é sem dúvida também uma condicionante do nosso conhecimento.

O nosso conhecimento dá-se pela mediação de sistemas simbólicos que acontecem não só a nível perceptivo mas também a nível intelectual.

Aquilo que vamos conhecendo insere-se já num mundo vivido por mim e daí a pré-compreensão daquilo que conhecerei. Só há verdadeiro conhecimento na medida em que há já uma pré-compreensão capaz.

O objecto nunca é conhecido apenas como “tal objecto”, mas sempre inserido numa teia de significações de que disponho e sempre interpretado de acordo com os esquemas simbólicos da cultura sócio-histórica a que pertencemos.

O conhecimento humano é sempre aproximativo pois nunca esgota a total significação do que é conhecido. O conhecimento finito não pode abarcar a realidade até ao fundo dela mesma, nem a realidade das coisas nem das pessoas e muito menos a de Deus<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup>Idem, pp. 142-163.

### 3.4 – A fé enquanto dinamismo de relação e integração do real e com o real

O modelo sistémico parte de raízes sociológicas e cibernéticas, contudo pretende estender-se a todos os âmbitos da realidade chegando a formular-se como leitura global ou “metafísica” da mesma.

No âmbito da sociologia podemos salientar a teoria de Niklas Luhmann que pretende superar o esquema subjectivista moderno dizendo até que a própria modernidade chegou ao seu fim. Segundo a sua concepção de realidade social, a modernidade morreu definitivamente e as teorias que eram utilizadas para a compreender eram caducas.

Luhmann diz-nos que é preciso romper com a tradição teórica e ideológica moderna e criar uma nova teoria que permita compreender os fenómenos contemporâneos. No pensamento de Luhmann o mais importante era reduzir a verdade a um factor marcado pelas relações internas do próprio sistema que se poderia tornar auto-regulador. A coerência sistémica torna-se um critério absoluto e único de verdade, por isso elemento de fundamentação último. Para além do sistema, não existe mais nenhum horizonte possível que possa fundamentar a própria verdade do sistema.

O teólogo alemão Wolfhart Pannenberg admite que “a ideia de coerência representa, no conceito de verdade, o realmente fundamental”, assim a verdade da fé fundamenta-se, em última instância, numa dimensão de coerência. Assim a verdade da fé avalia-se pela sua coerência com o sentido global da realidade, um sentido que de forma parcial se articula nas afirmações concretas da própria fé.

O teólogo George Lindbeck constrói um modelo teológico no qual contrapõe três modelos sobre a concepção clássica do estatuto das afirmações de fé. Um primeiro modelo denominado proposicional – cognitivo compreende as afirmações de fé a partir do seu

valor de verdade informativa, sobre realidades objectivas, este é o modelo baseado na verdade como correspondência entre pensamento ou proposição e realidade, um modelo que pressupõe a existência independente de uma realidade. Aqui para se afirmar algo fundamentar-se-ia na demonstração ou na verificação de uma adequação.

Um segundo modelo, dito experiencial-expressivo interpreta as afirmações de fé como expressões simbólicas, não informativas e não discursivas de sentimentos interiores, de atitudes ou de orientações existenciais.

Um terceiro modelo tenta uma simbiose dos dois anteriores. A sua principal vantagem será a superação do objectivismo do primeiro e do subjectivismo do segundo, no entanto mantém-se uma necessária referência à realidade objectiva que é exterior quer à experiência quer à sua formação linguística, não se anula a pertinência da experiência subjectiva, como mediação da realidade. Assim podemos dizer que as afirmações de fé podendo variar na sua forma exterior, referem-se a uma mesma experiência religiosa fundamental, na qual se dá a referência à realidade que a funda e lhe é transcendente.

As afirmações de fé, enquanto objectivação linguística não constituem algo de secundário mas o essencial de uma experiência de uma comunidade religiosa. O problema não está em dar importância a uma dimensão de verdade mas sim em afirmar a sua exclusividade, eliminando, com isso, o conceito tradicional de verdade como correspondência e conduzindo a uma teoria do conhecimento de raiz não cognitivista e relativista<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> Idem, pp. 228-236.

#### IV – A fé e vocação a propósito do ano sacerdotal

“A vocação do homem: a acompanhar a sua humanidade e ao realizar a sua humanidade, tornando-se Deus pela Graça, está plenamente vivo para contar. Tornar a sua humanidade templo da glória. Habitação para esquecer que a vida é a glória, disse Rilke no seu leito de morte. A glória que inverte, ou melhor, a morte inversa.<sup>65</sup>”

“O Papa convocou um Ano Sacerdotal, por ocasião do 150º aniversário da morte do santo Cura de Ars, a quem proclamará como padroeiro de todos os sacerdotes do mundo, segundo deu hoje a conhecer a Santa Sé em um comunicado.

O Papa fez este anúncio durante a audiência concedida aos participantes da Plenária da Congregação para o Clero, e esta o divulgou posteriormente em um comunicado, no qual detalha algumas das iniciativas postas em andamento por ocasião deste ano jubilar sacerdotal.

O tema escolhido para o Ano Sacerdotal é o de «Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote». Está previsto que o papa o abra com uma celebração de Vésperas, em 19 de Junho, solenidade do sagrado coração de Jesus e dia de santificação sacerdotal, «em presença da relíquia do Cura d’Ars trazida pelo bispo de Belley-Ars», Dom Guy Claude Bagnard, segundo informa a Santa Sé.

O encerramento será celebrado justamente um ano depois, com um «Encontro Mundial Sacerdotal» na Praça de São Pedro.”

---

<sup>65</sup> Cf. CLÉMENT, OLIVIER, *Sources, Les Mistiques chrétiens des origines*, Textes et commentaries, Éditiones Stock 1982, p. 71.

Durante este Ano jubilar, está prevista a publicação de um «Directório para os Confessores e Directores Espirituais», assim como de uma «recompilação de textos do Papa sobre os temas essenciais da vida e da missão sacerdotais na época actual».

O objectivo deste ano é, segundo expressou o próprio papa hoje aos membros da Congregação para o Clero, «ajudar a perceber cada vez mais a importância do papel e da missão do sacerdote na Igreja e na sociedade contemporânea».

Outro tema importante no qual se quer incidir, segundo o comunicado da Congregação, é a «necessidade de potenciar a formação permanente dos sacerdotes ligando-a à dos seminaristas<sup>66</sup>».

*Já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim.* Frase conhecida por todos, dita por S. Paulo e muito reflectida ao longo deste passado ano pastoral, muito centrado em S. Paulo. Não posso dizer que já o viva na totalidade, no entanto, sinto-me um pequeno menino a crescer, e com muita vontade para mais crescer, com a devida humildade para querer avançar com e pela Igreja, tão e simplesmente para servir naquilo a que pede, a este simples servo do Senhor.

Nestes dias consegui reflectir e aperceber-me melhor das minhas poucas capacidades e limitações, no entanto esforcei-me por viver o lema do Simpósio *Reaviva o Dom que há em ti*, colocando os meus poucos dons ao serviço da Igreja.

O acompanhamento que tenho feito aos mais necessitados e idosos tem me ajudado imenso a perceber as necessidades e limitações humanas de uma porção do povo de Deus.

Este tempo de Verão também me possibilitou estar com muitos jovens pela nossa Diocese, e quando o Sr. Patriarca D. José Policarpo referiu na sua conferência (VI –

---

<sup>66</sup> Fonte Zenit.

Simpósio do Clero de 1 a 4 de Setembro de 2009 – Fátima) a seguinte reflexão: *Ide ao encontro dos Jovens, sem medo, apoia-os sem receio, e reflecti comigo Sr.s Padres, nesta questão: Quanto tempo passais em reuniões e mais reuniões... Parai e pensem, que não deve ser esse o caminho, pois por vezes não passa de mero refugio a algumas situações de vida...* Tudo para dizer que sinto que devo centrar a minha atenção no ano Sacerdotal, tentando apoiar mediante as minhas capacidades.

Como conclusão gostaria de apresentar o ponto 78, da Encíclica *Caridade na Verdade* do Sumo Pontífice Papa Bento XVI: *Sem Deus, o ser humano não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem seja. Perante os enormes problemas do desenvolvimento dos povos, que quase nos levam ao desânimo e a rendição, vem em nosso auxílio a palavra do Senhor Jesus Cristo que nos torna cientes deste dado fundamental: Sem mim, nada podeis fazer Jo. 15, e encoraja: Eu estarei sempre convosco, ate ao fim do mundo Mt 28, 20. Diante da vastidão do trabalho a realizar, somos apoiados pela fé na presença de Deus junto daqueles que se unem em seu nome e trabalham pela justiça. Paulo VI recordou nos, na *Populorum Progressio*, que o ser humano não é capaz de gerir sozinho o próprio progresso, porque não pode por si mesmo fundar um verdadeiro humanismo. Somente se pensarmos que somos chamados, enquanto indivíduos e comunidade, a fazer parte da família de Deus como seus filhos, é que seremos capazes de produzir um novo pensamento e desenvolver novas energias ao serviço de um verdadeiro humanismo integral. Por, isso a maior força ao serviço do desenvolvimento é um humanismo cristão que reavive a caridade e que se deixe guiar pela verdade, acolhendo uma e outra como dom permanente de Deus. A disponibilidade para Deus abre a*

*disponibilidade para os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e jubilosa. Pelo contrario, o fechamento ideológico a Deus e o ateísmo da indiferença, que esquecem o Criador e correm o risco de esquecer também os valores humanos, contam se hoje entre os maiores obstáculos ao desenvolvimento. O humanismo que exclui Deus é um humanismo. Só um humanismo aberto ao Absoluto pode guiar nos na promoção e realização de formas de vida social e civil – no âmbito das estruturas, das instituições, da cultura, do ethos – preservando-nos do risco de cairmos prisioneiros das modas do momento. É a consciência do amor indestrutível de Deus que nos sustenta no fadigoso e exaltante compromisso a favor da justiça, do desenvolvimento dos povos, por entre êxitos e fracassos, na busca incessante de ordenamentos rectos para as realidades humanas. O amor de Deus chama-nos a sair daquilo que é limitado e não definitivo, dá-nos coragem de agir continuando a procurar o bem de todos, ainda que não se realiza imediatamente, ainda que aquilo que conseguimos realizar-nos e as autoridades políticas e os operadores económicos – seja sempre menos do que quanto anelamos. Deus dá-nos a força de lutar e sofrer por amor do bem comum, porque Ele é o nosso Tudo, a nossa esperança maior.<sup>67</sup>*

---

<sup>67</sup>BENTO XVI, *Caridade na Verdade*, Paulinas 2009.

## Conclusão

Na verdade, o meu parecer inicial em relação a esta Tese de Mestrado é que seria muito difícil realizá-la, e realmente foi um pouco complicado efectuá-la, isto devido há pouca bibliografia existente e à sua especificidade ser complexa.

“Maria, a Imaculada que contemplamos em toda a sua beleza e santidade, recorda-nos tudo isto. Da cruz Jesus confiou-a a João e a todos os discípulos (cf. Jo 19, 27), e desde então tornou-se Mãe de toda a humanidade, Mãe da esperança. A ela dirigimos com fé a nossa oração... Maria Imaculada, “estrela do mar, brilha sobre nós e guia-nos no nosso caminho!” (Enc. *Spe salvi*, 50).”<sup>68</sup>

No entanto empenhei-me bastante para que a investigação e elaboração deste trabalho de estudo, para a elaboração e realização fosse feita da melhor maneira, possível, coerente, lógica, fundamentada e transmissível a todos. A certeza com que fiquei é que ao tentar estudar e ir ao fundo de tudo o que constitui a fé e de si deriva não é de veraz simples, contudo senti que é interessantíssimo e que quanto mais se aprofunda mais dá vontade de continuar e alargar horizontes.

Fiquei fascinado com o que a fé é realmente em si mesma, em tudo o que dela deriva e no papel fundamental e vital que tem na vida das pessoas, e que sem dúvida a fé é o caminho para o homem se conseguir encontrar verdadeiramente consigo mesmo, com os outros e com Deus. Mas não é uma fé simples, mas sim uma fé associada ao conhecimento, pois só esta consegue abrir a mente e o coração do homem de forma clara e coerente.

Espero que este tema venha a ser cada vez mais desenvolvido, para que assim eu e todos possam alargar sempre mais os seus ideais, e consigam perceber a enorme

---

<sup>68</sup> Cf. Idem, p. 181.

importância que a fé tem nas suas vidas, fazendo por isso parte integrante do seu ser e do seu crescer.

Espero também que o Ano Sacerdotal traga verdadeiras sementes vocacionais e reais, para a nossa actualidade (séc. XXI), em ordem a que, desde as crianças, aos jovens, adultos e idosos sintam constantemente no seu dia-a-dia a forte presença e luz de Cristo Salvador, e não tenho medo de O seguir mesmo perante os enormes paradigmas existentes. Na certeza de que em comunhão viveremos os ensinamentos do Evangelho, dado que, Deus (o Único ser infinito) apenas quer a realização do bem comum em prol de todos (pela felicidade diária de se ser cristão) e especialmente daqueles que mais necessitam.

Como dizia o Sr. Pe. Anselm Grün na apresentação do seu último livro “ A sublime arte de envelhecer”, «Já não é tão importante aquilo que eu faço, mas aquilo que eu sou». Daqui pode-se interpretar que quem tiver a sua própria vontade centrada no chamamento que Deus lhe faz tem tudo para ser feliz. No seu dia-a-dia, quando o Homem está centrado apenas em si mesmo e nas “obras materiais”, esquece-se do outro (próximo) e é aí que é chamado à acção evangélica que é por si mesma, uma esperança renovadora e faz com que o homem se consiga libertar de si mesmo, renascendo realmente para as suas acções diárias.

“Gostaria de concluir, formulando os bons votos que tiro da maravilhosa oração de Moisés, que ouvimos na primeira Leitura: o Senhor caminhe sempre no meio de vós e faça de vós a sua herança (cf. Êx 34, 9). Obtenha-vos isto na intercessão de Maria Santíssima que os genoveses, tanto na pátria como no mundo inteiro, invocam como Nossa Senhora da Guarda. Com a sua ajuda e com o auxílio dos Santos Padroeiros destas vossas amadas cidade e região, a vossa fé e as vossas obras sejam sempre para louvor e glória da

Santíssima Trindade. Seguindo o exemplo dos Santos desta terra, sede uma comunidade missionária: à escuta de Deus e ao serviço dos homens. Amén!”<sup>69</sup>

Como reflexão final apresento a **Oração para o ano Sacerdotal**, escrita pelo Sumo Pontífice, *Benedictus XVI*:

Senhor Jesus, Tu quiseste dar à Igreja, através  
de São João Maria Vianney, uma imagem  
viva de ti e uma personificação  
da tua caridade pastoral.

Ajuda-nos, com a sua companhia  
e assistidos pelo seu exemplo, a viver bem  
este ano Sacerdotal.

Faz com que possamos aprender, com  
O Santo Cura d’Ars, o modo de encontrar  
a nossa alegria, permanecendo longamente  
em adoração diante do Santíssimo  
Sacramento; como a tua Palavra  
que nos guia é simples e quotidiana;  
com que ternura o teu Amor acolhe  
os pecadores arrependidos; como é  
consolador o abandono confiante  
na Tua Santíssima Mãe Imaculada;

---

<sup>69</sup> Cf. Idem, pp. 118-119.

como é necessário lutar

com vigilância contra o Maligno!

Senhor Jesus,

Faz com que, a partir do exemplo do Santo

Cura d'Ars, os nossos jovens possam

aprender como é necessário,

humilde e glorioso o ministério sacerdotal

que queres confiar àqueles

que se abrem ao teu chamamento.

Faz com que, nas nossas comunidades

- como outrora em Ars -, também

se operem as maravilhas de graça

que realizas quando um sacerdote sabe

«introduzir o amor na sua paróquia».

Faz com que as nossas famílias cristãs

se sintam parte da Igreja – onde possam

encontrar sempre os teus ministros –

e saibam tornar as suas casas tão belas como uma igreja.

Faz com que a caridade dos nossos

Pastores alimente e inflame a caridade

de todos os fiéis, de modo que

todas as vocações e todos os carismas

dados pelo teu Espírito Santo

possam ser acolhidos e valorizados.

Mas sobretudo, Senhor Jesus, concede-nos

O ardor e a verdade do coração,

para que possamos dirigir-nos ao teu Pai

celeste, fazendo nossas as palavras

que São João Maria Vianney usava

quando a Ele se dirigia:

*«Amo-te, ó meu Deus, e o meu único desejo é*

*amar-te até ao último suspiro da minha vida.*

*Amo-te, ó Deus infinitamente amável,*

*e prefiro ardentemente morrer amando-te*

*a viver um instante sem amar-te.*

*Amo-te, Senhor, e a única graça que te peço*

*É amar-te eternamente.*

*Meu Deus, embora a minha língua não possa*

*Repetir sempre que te amo, desejo que o meu coração*

*to repita a cada batimento seu.*

*Amo-te, ó meu Divino Salvador,*

*Porque foste crucificado por mim;*

*e porque me manténs aqui crucificado por ti.*

*Meu Deus, faz-me a graça de morrer  
amando-te e sentindo que te amo.»<sup>70</sup>*

Ámen.

PAPA BENTO XVI

---

<sup>70</sup>ORAÇÃO PARA O ANO SACERDOTAL, Paulinas 2009.

## Agradecimentos:

Através deste estudo científico que realizei, espero trazer algumas sementes para a reflexão de toda a Igreja e todos os interessados, em ordem a que numa comunhão fraterna, real e verdadeira consigamos trazer o Evangelho ao mundo inteiro, ou seja, que a Sua mensagem traga uma luz com uma esperança renovadora para a humanidade. Que este simples estudo e humilde mensagem consiga estar bem inserida no Ano Sacerdotal, proclamado pelo Sumo Pontífice Bento XVI “Agora, dirigindo-vos à Virgem Maria, peçamos a sua intercessão para viver sempre na alegria da experiência cristã. Mãe Misericordiosa, Nossa Senhora suscite em nós sentimentos de abandono filial em Deus, que é misericórdia infinita; nos ajude a fazer nossa a oração que Santo Agostinho enuncia numa conhecida passagem das suas *Confissões*: “Tem piedade de mim, Senhor! Aqui estão, não escondo as minhas feridas: tu és o médico, eu o doente; tu és o misericordioso, eu o miserável... Cada esperança minha se coloca na tua grande misericórdia” (X, 28.29; 39.40).”<sup>71</sup>, e que a sua vinda a Portugal (Fátima), a 13 de Maio de 2010 tenha sido fermento para novas vocações sacerdotais e religiosas.

A vitória do homem não está nos méritos humanos, mas sim no momento após a sua “queda”, pois aí enquanto ente finito (contingência humana), se for humilde consegue aperceber-se que apenas o Único Ser Infinito é Deus e é Ele que lhe dá a capacidade de perfeição de ser diariamente. Depois, com muita oração e actos concretos, a partir da mensagem única do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, e com a sua respectiva

---

<sup>71</sup> Cf. Idem BENTO XVI, *Homilias, Ano litúrgico comentado por Joseph Ratzinger*, p. 197.

actualização ao século corrente, o homem consegue a sua “ascensão terrena”, para depois alcançar a vida eterna.

Tenho que agradecer especialmente aos meus queridos e amados Pai, Mãe e Irmão. À minha tia Isabel (faleceu em 2011), tio Joel (faleceu em 2004) e primo; aos meus Avós Paternos (os Maternos faleceram em 1996) e à minha Madrinha e seu marido, a toda a família em Portugal e ainda a toda a minha família nos E.U.A. À família Castro Lopes, à família Nogueira, que me apoiaram, apoiam e apoiarão sempre nesta minha resposta ao chamamento que Cristo me faz diariamente e cada vez de forma mais intensa. Resposta ao serviço na Igreja como futuro Presbítero.

Quero também agradecer ao D. António Marcelino, ao D. António dos Santos, ao D. Manuel de Almeida Trindade com quem aprendi imenso em Coimbra e principalmente ao Pe. Francisco Melo, ao Pe. Abílio Araújo, ao Pe. António Costa Leite, à Equipa Formadora do Seminário de Leiria, à Equipa Formadora do Seminário Maior da Sagrada Família de Coimbra e a todo o clero Aveirense.

Agradeço também todo o apoio do meu orientador da Tese de Mestrado, o Sr. Padre Doutor Arnaldo Cardoso de Pinho.

Lembro também todos os outros Padres, Diáconos, Seminaristas e leigos com quem fui contactando durante os estágios pastorais (Trofa; Segadães; Lamas do Vouga; Recardães e Fermentelos e todas as outras paróquias que fui passando a nível nacional). Na actualidade, à U.C.P. – Porto, a todos os respectivos Docentes.

Para finalizar menciono um especial agradecimento ao Sr. Pe. – José Henriques da Silva (Pároco da paróquia de Santa Marinha de Avanca) e ao Centro Social da Paróquia de Santa Marinha de Avanca. Ao Sr. Pe. Manuel, ao Sr. Pr. José Augusto Silva e a todo o

povo avançanense que tanto me ensinaram e ajudaram e continuam a ser uma presença activa na minha formação, para a futura recepção do Sacramento da Ordem.

## Bibliografia:

### I. OBRAS VÁRIAS

AUER, J – *Joseph Ratzinger*, Curso de Teologia Dogmática, Escatologia, Tomo IX. Barcelona: Editorial Herder, 1979.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira – *Ser Padre*, Universidade Católica Editora.

A Dor e o Sofrimento, *Abordagens*, Actas do Colóquio Internacional realizado no âmbito do “Porto 2001. Porto: Capital Europeia da Cultura, Editotas S.A, 2009.

ALFARO, Juan – *De la cuestión del Hombre a la cuestión de Dios*, Salamanca: Ediciones Sígueme, 1997.

AA.VV – *Unità Pastorali verso un nuovo modello di parrocchia*, Edizioni Dehoniane, 1994.

AA.VV – *La Parrocchia in un’ecclesiologia di comunione*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1996.

AA.VV – *Desenvolvimentos da Fenomenologia na Contemporaneidade*. Porto: Editores S.A, 2007.

BLACK, Brian – *America at War*, Scholastic Inc., New York Toronto London Auckland Sydney.

BENTO XVI – *Homilias*, Ano litúrgico comentado por Joseph Ratzinger. Braga: Editorial Franciscana, 2009.

BRANCO, José Oliveira; FORMOSINHO, Sebastião J – *O Deus que não temos*, Uma História de Grandes Intuições e Mal – entendidos. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2008.

- BOUCHARD, Françoise – *O Santo Cura D'Ars, Visceralmente Sacerdote*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CHANGEUX, JEAN PIERRE; RICOEUR, PAUL – *O Que Nos Faz Pensar?* Lisboa: Edições 70.
- CLÉMENT, Olivier – *Sources, Les Mistiques chrétiens des origines, Textes et commentaries*. Éditiones Stock, 1982.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL – *O Pluralismo Teológico*. Edições Loyola s.d.
- DICCCIONÁRIO TEOLÓGICO INTERDISCIPLINAR I*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1982.
- Dor e o Sofrimento, Uma Perspectivainterdisciplinar*. Porto: Editores S.A, 2001.
- DUQUE, João – *Homo Credens Para uma teologia da fé*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.
- FRIES, Heinrich – *Teología Fundamental. Barcelona*: Editorial Herder, 1987.
- GLEITMAN, Henry – *Psicologia*. 6ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- GROLLA, Valentino – *Unità Pastorali nel rinnovamento della pastorale parrocchiale*. Roma: Edizioni Dehoniani, [1996].
- GRÜN, Anselm – *O Pai-Nosso, Uma ajuda para uma vida autêntica*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- GRÜN, Anselm – *A Sublime arte de envelhecer, e tornar-se uma bênção para os outros*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- JOÃO PAULO II – *A vida de Karol Wojtyta*, por: Tad Szulc. Lisboa: Editorial Notícias, 1995.

- LACOQUE, André – *Romance She Wrote, A Hermeneutical Essay On Songs of Songs*, Wipf and Stock Publishers, 1998.
- LATOURELLE, René – *Teologia, Ciência da Salvação*, Edições Paulinas s.d.
- LÉVINAS, Emmanuel – *Transcendência e Inteligibilidade*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- MERTON, Thomas – *Vida e Santidade*. Braga: Editorial Franciscana, 2007.
- MARQUES, Silvestre – *Tu não me matarás – Dimensões éticas da reabilitação da Pessoa Toxicodependente*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006.
- LÉVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- MONDIN, B – *Antropologia teológica*, Edições Paulinas s.d.
- COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO, SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES – PADRES PARA ESTE TEMPO, *Documentos do Magistério da Igreja sobre a formação para o ministério presbiteral (1965-1992)*. Porto, 1992.
- ODERO, José Miguel – *Teologia de la fe*. Pamplona: Ediciones Eunate, 1997.
- PIÉ-NINOT, Salvador – *La Teologia Fundamental*. Edición Nueva, 2002.
- RATZINGER, Joseph – *Introdução ao Cristianismo*. São João do Estoril: Principia, 2005.
- RATZINGER, Joseph; BALTHASAR, Hans Urs Von – *Maria Il Sí di Dio all'uomo*, Queriniana 4ª ed, 2005.
- MERINO, José António – *São Francisco e a Ecologia*. Editorial Franciscana, 2007.
- MERLEAU, Ponty; MAURICE – *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SEMANAS DE ESTUDIOS TRINITARIOS, *La Teologia Trinitaria de Juan Pablo II*, Ediciones Secretariado Trinitario Salamanca 1988.

TRINDADE, Manuel de Almeida – *Memórias de um Bispo*. 2ª ed. Revista e ilustrada, Gráfica de Coimbra.

VV, sob a direcção de DELUMEAU, JEAN, *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

WALDENFELS, Hans – *Teología Fundamental Contextual*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1994.

## **II. ARTIGOS E REVISTAS**

PEREIRA, Miguel Baptista – *Fenomenologia e Transcendência*, in Revista Filosófica de Coimbra 10 (1996).

PEREIRA, Miguel Baptista – *Fenomenologia e Transcendência*, in Revista Filosófica de Coimbra 11 (1997).

PEDREIRA, José Augusto – *Estatísticas de 1998-1999*, in “Lúmen”, ano 60, série III, nº5, 1999, pp.334-339.

ROCHA, Georgino – *Unidades Pastorais: desafio ou ameaça?*, in “Humanística e Teológica”, nº 22, 2001 pp.5-24.

## **III. DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS**

Para as citações da sagrada escritura foi usada a Bíblia Sagrada em CD-ROM.

Fátima/Lisboa/Baixa da Banheira: Difusora Bíblica/Direxis – Soluções Inteligentes, s.d.

#### IV. DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS E DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja católica*. 2ª ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1927 – (Bento XVI) – *Spes Salvi*. AAS. 99 (2007) 259.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1927 – (Bento XVI) – *Caritas in Veritati*. AAS. 101 (2009) 259.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1963-1965 – *Const. Past. Gaudium et Spes*. AAS. 58 (1966).

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1920 – 2005 (João Paulo II) – *Fides et Ratio*. AAS. 90 (1998) 259.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1897 – 1978 (Paulo VI) – *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. AAS. 67 (1975) 259.

## Índice:

Capa.....	01
Introdução.....	03
<b>I</b> -A atitude cristã de fé (características).....	05
<b>1</b> - A fé na Sagrada Escritura:.....	05
<b>1.1</b> - Antigo Testamento;.....	05
<b>1.2</b> - Novo Testamento.....	06
<b>II</b> - A experiência da Igreja na reflexão da fé.....	11
<b>2.1</b> - Padres da Igreja;.....	13
<b>2.2</b> - Da Idade Média ao Concílio Vaticano II.....	20
<b>III</b> - Elementos Constitutivos da atitude cristã de fé.....	33
<b>3.1</b> - O homem ser de diálogo e encontro;.....	34
<b>3.2</b> - Apropriação da verdade e do conhecimento: - Uma experiência passiva ou activa?.....	37
<b>3.3</b> - Formas e meios de conhecimento: subjectivo ou objectivo?.....	39
<b>3.4</b> - A fé enquanto dinamismo de relação e integração do real e com o real.....	40
<b>IV</b> – A fé e vocação a propósito do ano sacerdotal.....	42
Conclusão.....	46
Agradecimentos.....	52
Bibliografia.....	55
Índice.....	60